

Tradução do russo e edição por CN, 20.04.2016

(original em: [http://publ.lib.ru/ARCHIVES/P/PRUDNIKOVA_Elena_Anatol'evna/Prudnikova_E.A._Posledniy_boy_Lavrentiya_Berii.\(2008\).\[rtf-ocr\].zip](http://publ.lib.ru/ARCHIVES/P/PRUDNIKOVA_Elena_Anatol'evna/Prudnikova_E.A._Posledniy_boy_Lavrentiya_Berii.(2008).[rtf-ocr].zip))

A última batalha de Lavrénti Béria

*Entrevista com Elena Prudnikova*¹

Iúlia Siroejina

– **Sabe, Elena, quando terminei de ler o seu livro tive logo o forte desejo de lhe perguntar qual é a parte de verdade e qual é a parte de invenção literária?**

– É uma pergunta complicada. Enquanto investigadora, tendo em conta todos critérios, devo dizer que, no essencial, tudo foi inventado. Como poderia eu saber de que falaram e o que disseram Stáline e Béria? Mas como autora de uma obra de ficção, afirmo que o livro está repleto de factos e tem muito a ver com um manual de história. É tudo uma questão de critérios. Se falarmos dos factos em si, então no livro está aquilo que aconteceu realmente e o que não aconteceu, e também se discorre sobre o que terá acontecido com maior probabilidade, mas sobre isso não há provas, apesar de dispormos de memórias abundantes e detalhadas.

– **Trata-se portanto de enigmas? Vamos então por partes. Primeiro, sobre o que aconteceu na realidade.**

Sobre o que aconteceu na realidade

(Dois governantes da União Soviética)

– Em primeiro lugar é absolutamente exacto que em 26 de Junho de 1953 ocorreu um golpe de Estado. Não foi uma luta pelo poder entre os herdeiros de Stáline, mas o mais normal e típico *putsch*.

– **Pode fundamentar?**

– Claro. A versão da «partilha do poder» assenta na hipótese totalmente absurda de que Stáline se permitiu morrer sem escolher e preparar um sucessor, porque este em qualquer momento poderia tirar-lhe as rédeas do poder. O mito da sede de poder

¹ Elena Prudnikova é escritora e historiadora russa. A presente entrevista foi incluída como posfácio do seu livro *A Última Batalha de Lavrenti Béria*, OLMA, Media Grupp, Moscovo, 2008. (N. Ed.)

patológica de Stáline, do seu receio de concorrentes – como muitos outros do género – foi lançado por Khruchov. Tanto uma coisa como outra são absolutamente impossíveis de encaixar no verdadeiro Stáline.

– **Por que razão considera que o sucessor era precisamente Béria?**

– Porque isso está escrito em letras garrafais ao longo de toda a organização da URSS no pós-guerra. Acontece que se procura sempre o sucessor de Stáline lá onde em princípio não devia estar, ou seja, no Comité Central. Isto é uma aberração óptica introduzida posteriormente, na época de Bréjnev, quando o partido obteve um poder absoluto e ilimitado no país. O mesmo aconteceu até 1939. No entanto, entre 1940 e 1953, as coisas não eram assim de todo. Recorde-se que ainda no plenário de Julho de 1953, Malenkov² foi chamado de sucessor de Stáline, uma vez que desde Março, logo depois da morte do líder, passou a ocupar o honroso lugar cimeiro na direcção do país. Mas Malenkov era presidente do Conselho de Ministros e apenas membro comum do *Politburo*, depois de ter renunciado, na Primavera de 1953, ao cargo de secretário do CC. A deslocação do centro de gravidade da direcção do Estado do *Politburo* para o Conselho de Comissários do Povo começou logo em 1939 e o sucessor de Stáline devia ser procurado precisamente no Conselho de Ministros. E era aí que ele estava sem surpresa.

– **Como exactamente?**

– Em 1942 foi criado o Bureau Operacional do Comité Estatal de Defesa. Após a guerra foi transformado em Bureau Operacional do Conselho de Ministros, e depois foi designado simplesmente Bureau do Conselho de Ministros. Era uma espécie de «*quartel-general*» da União Soviética. Fora da sua alçada estavam (caso estivessem de facto!) apenas alguns ministérios importantes: Negócios Estrangeiros, Assuntos Internos, Controlo Estatal e o comando do exército. A pessoa que estava à frente do Bureau do Conselho de Ministros era, pela sua posição, a segunda figura da URSS. Desde 1944, essa pessoa era Béria. Além disso, acompanhava ainda três importantes tutelas: o Ministério dos Assuntos Internos, o Ministério da Segurança do Estado e o Ministério do Controlo Estatal (os Negócios Estrangeiros e o exército eram acompanhados pessoalmente por Stáline). Na prática o poder do Estado estava dividido entre Stáline e Béria, com a supervisão geral de Stáline sobre a metade de Béria. Será que não é evidente a quem o líder se preparava para entregar as rédeas do poder? Além disso, decorre daqui que Béria era um partidário absoluto e integral das ideias de Stáline ou, pelo menos, que os seus pontos de vista eram aceitáveis para o líder. De outro modo Lavrénti Pávlovitch nunca teria tido na vida um tal volume de poderes. Na prática, após a guerra, o país era governado não por um, mas por dois líderes: um velho e um mais novo, e o primeiro estava a passar gradualmente as alavancas da

² **Malenkov**, Gueórgui Maksimiliánovitch (1902-1988), membro do partido (1920-1961), do CC (1939-1957), do *Politburo/Presidium* (1946-57), candidato desde 1941. Vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS (1946-53 e 1955-57) e presidente (1953-55). Acusado de pertencer ao grupo antipartido juntamente com Kaganóvitch e Mólotov, é exonerado em 1957 dos cargos de direcção partidária e do governo, sendo nomeado director da Central Hidroeléctrica de Ust-Kamenogorsk. Em 1961 é aposentado e expulso do partido. (N. Ed.)

governança ao segundo. Sobre este tema penso escrever um livro que terá como título *O Sistema de Duas Estrelas*.

– **Considera que já em 1944 Stáline tinha escolhido o seu sucessor?**

– Penso que isso foi feito muito antes. Em 1944 essa sua decisão apenas veio ao de cima. Mas até isso... Eu costumava usar como referência o ano de 1944, quando Béria se tornou adjunto de Stáline no Comité Estatal de Defesa. Mas ao estudar o tema do 22 de Junho [data da invasão nazi em 1941 (*N. Ed.*)], concluí que já nessa altura Béria integrava a «*troika*» dirigente da URSS, a direcção mais restrita que jamais existiu no país. Foi-lhe confiada a realização da mais importante das operações da Grande Guerra Patriótica: a evacuação da indústria das regiões ameaçadas. Então passei a usar como nova data de referência o dia 8 de Agosto de 1941, quando Stáline se tornou Comandante Supremo. Embora fosse um génio, para poder dirigir o curso da guerra e concentrar-se na direcção do exército, Stáline precisava de se apoiar no «*comandante-em-chefe*» de toda a retaguarda, ou seja todo o campo militar unificado chamado URSS. Dos quatro membros restantes do Comité Estatal de Defesa, e mesmo em todo o *Politburo*, apenas Béria tinha condições para o cargo.

– **Está a esquecer-se de Mólotov...**³

– Mólotov nunca trabalhou autonomamente. Em todos os cargos era tutelado de perto por Stáline. E no momento de que falamos o líder simplesmente não tinha tempo nem forças para isso. Precisava de uma pessoa capaz de agir autonomamente, sem amas. Quando ainda era primeiro secretário na Geórgia, Béria demonstrou que o podia fazer, e de que maneira! Mas o dia 8 de Agosto, mais uma vez, é o momento da acção, a decisão, penso, foi tomada muito antes.

– **Mas então quando?**

– Existe uma indicação indirecta. A verdade é que um sucessor não cresce por si próprio, precisa de ser preparado, e este não é um processo rápido, no XIX Congresso, Stáline disse que para formar um homem de Estado é preciso dez anos, depois corrigiu, 15 anos. Se subtrairmos 15 anos a 1952, obtemos 1937. Mas se é correcto que já em 1949 Stáline começou a entregar poder, então temos de recuar até 1934. É uma data muito interessante. Kírov⁴ foi assassinado em 1934 e Stáline teve de pensar num novo sucessor. E ele não era pessoa para ficar a pensar muito tempo.

³ **Mólotov**, Viatcheslav Mikháilovitch (1890-1986), membro do partido desde 1906, do CC (1921-57) do *Politburo* (1926-57). Membro do Conselho Revolucionário de Petrogrado (1917), secretário do Comité Central do PC da Ucrânia (1920), presidente do Conselho de Comissários do Povo (1930-41) e comissário/ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS (1939-1949 e 1953-1956). Em 1957 é acusado de pertencer ao grupo antipartido e enviado como embaixador para a República Popular da Mongólia. Expulso do partido em 1961 foi reintegrado em 1984. (*N. Ed.*)

⁴ **Kírov**, Serguei Mirónovitch, verdadeiro apelido Kóstrikov, (1886-1934), membro do partido desde 1904, do CC desde 1923 (candidato desde 1921) e do *Politburo* desde 1930 (candidato desde 1926). Participou na insurreição armada em Petrogrado e na luta pela instauração do Poder Soviético no Norte do Cáucaso. Após a Guerra Civil foi primeiro secretário

– **Quer dizer que Kírov foi quem Stáline preparou primeiro para seu sucessor?!**

– Simplesmente não havia mais ninguém! Para Stáline a economia sempre foi a prioridade. Logo, no posto de chefe do Estado só poderia ser substituído por alguém que tivesse uma experiência de sucesso na governação integral do país ou de uma região. Naquele tempo havia poucas pessoas dessas. No *Politburo* estavam Ordjonikídze⁵ e Kírov. O primeiro não servia por uma série de características pessoais e por motivo da nacionalidade. Dizem que Kírov, por uma série de características, também não era o mais adequado. Pois bem, Stáline não tinha possibilidades de procurar o líder ideal e teve de escolher entre aqueles que estavam perto dele.

– **A nacionalidade de Ordjonikídze incomodava Stáline. E a nacionalidade de Béria não?**

– A questão não é apenas a nacionalidade. Ordjonikídze era extraordinariamente temperamental e por vezes chegava a vias de facto por dá cá aquela palha. Que chefe de Estado seria essa pessoa que ao zangar-se enfia um murro nos queixos de alguém? No que toca a Béria, era uma pessoa de com uma tal estatura que minudências como uma nacionalidade inconveniente deixam de ter importância. Penso que se tivesse conseguido permanecer no seu posto até aos setenta anos, como Stáline, hoje discutiríamos qual dos dois teria feito mais pela URSS.

– **A esse ponto?**

– Nos seus apenas «*cem dias*» revelou-se como um homem de Estado de dimensão histórica. Parecerá que não se pode fazer muito em cem dias, mas foram encetadas transformações políticas deveras interessantes... e não sabemos o que se planeava para a economia!

– **Quem concebeu a reforma económica, Stáline ou Béria?**

– Quem a concebeu foi seguramente Stáline, mas suponho que o papel de Béria aqui foi muito relevante.

– **Significa, em sua opinião, que Stáline era contra a economia do socialismo?**

– Simplesmente não conseguiram criá-la. Desde os primeiros quinquênios, a economia da URSS esteve sempre em estado de emergência, e por essa razão era comandada. Só se começou a pensar em mecanismos económicos já depois guerra, quando deixou de ser necessária a correria frenética e se impunha uma transição para uma economia normal de tempo de paz. Algumas transformações estavam claramente a ser preparadas. Recorde-se que o livro de Stáline, *Problemas Económicos do Socialismo na URSS*, surgiu precisamente nesse período. O impulso, penso eu, foi dado

do CC do PC(b) do Azerbaijão (1921-26) e seguidamente da organização de Leningrado. Foi vitimado por um atentado em 1 de Dezembro de 1934. (N. Ed.)

⁵ **Ordjonikídze**, Grigóri Konstantínovitch (Sergó) (1886-1937), georgiano, membro do partido desde 1903, do CC (1912-17, 1921-27 e a partir de 1930), do *Politburo* desde 1930 (candidato desde 1926). Participante nas revoluções de 1905-1907 e de 1917, ocupou vários cargos no governo e no partido, nomeadamente como presidente do Conselho Superior da Economia Nacional e como comissário da Indústria Pesada. Suicidou-se em 1937. (N. Ed.)

pelo «*caso do Gosplan*», quando ficou à vista aquilo que um planificador desonesto, ou simplesmente um traidor, pode fazer na economia. Voznessénski⁶ foi executado, mas o problema permaneceu.

– **E pensa que se pretendia fazer uma economia de mercado?**

– Uma economia planificada de mercado, sim. Ainda nos anos 30, quando todo o país trabalhava não por dinheiro, mas debaixo de ordens, na Geórgia de Béria aplicaram-se com sucesso mecanismos económicos. De um modo interessante combinou-se empresas dependentes da União, que funcionavam segundo o plano estatal, com empresas locais, e métodos de comando com métodos económicos. A experiência georgiana dos anos 30 devia ser estudada com a máxima atenção, precisamente enquanto polígono da nova economia socialista. A propósito, alguns economistas ocidentais eminentes (verdadeiramente eminentes e não aqueles com quem os nossos «*rapazes de calças cor-de-rosa*» se aconselharam) manifestaram a opinião de que um dos objectivos principais da «*perestroika*» foi destruir a economia planificada soviética porquanto esta é a economia do amanhã, e que até ao momento não se inventou nada mais eficiente. Recentemente ouvi uma comparação muito interessante, com a qual concordo em geral: a economia de mercado é um magnífico automóvel de corrida, sofisticado, a última palavra da técnica e do *design*. A economia planificada soviética é uma nave espacial inacabada, canhestra e disforme. No entanto, mesmo atravancada, a precisar de reformas, esta economia continuava a ser um concorrente perigoso. Mas voltando aos finais dos anos 40, inícios dos anos 50... há uma coisa que tem de ser dita: independentemente de quem tivesse desenvolvido a reforma, a única pessoa que a poderia realizar era Béria.

– **Porque não Stáline?**

– Já não tinha as forças necessárias para o trabalho diário exigido para a realização da reforma. A sua mente era a mesma, mas a capacidade de trabalho, infelizmente... Estou apenas a começar a trabalhar nesse período, mas quanto mais aprendo, melhor compreendo o futuro que Khruchov nos preparou.

– **Voltando mais uma vez à questão do sucessor, por que razão, depois da morte de Stáline, Malenkov se tornou a primeira figura do Estado?**

– É possível que tenha sido uma solução de compromisso nas negociações entre o partido e o governo, mas o mais certo é ter sido uma decisão de Béria. Foi ele o primeiro a tomar a palavra na reunião de 5 de Março, não contando com a presidência puramente formal de Khruchov, quando se estava a decidir a questão do poder, e propôs Malenkov para ocupar o cargo de chefe do governo. No entanto, refira-se, na distribuição dos papéis no novo governo, Béria desempenhava um papel semelhante ao

⁶ **Voznessénski**, Nicolai Alekséievitch (1903-50), membro do partido desde 1919, do CC (1939-49), do *Politburo* entre 1947-49 (candidato desde 1941). Presidente do *Gosplan* (1938-41 e 1942-49), primeiro vice-presidente do Conselho de Comissários do Povo da URSS (1941-46) e vice-presidente do Conselho de Ministros (1946-49). Expulso do partido e destituído de todos os cargos em 1949, é julgado no «*Processo de Leningrado*» e condenado a fuzilamento pelo Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS em Setembro de 1950. (N. Ed.)

de Stáline nos anos 30. Recorde-se que o líder nem sempre ocupou os cargos principais. Recorde-se ainda que era Béria quem dava instruções aos médicos na *datcha* de Stáline, foi ele quem ordenou suspender os procedimentos de reanimação, ou seja, comportava-se como o verdadeiro chefe do Estado. E, até 26 de Junho, o governo subordinava-se a ele sem reservas. De modo que depois, no plenário, tiveram de dar grandes voltas para explicar o que tinham feito. Por que motivo Béria não foi vice-primeiro-ministro? Há várias hipóteses. No meu livro, *O Último Cavaleiro de Stáline*, falei da questão da nacionalidade. Agora, neste livro avanço com outra hipótese.

– **E bastante inesperada...**

– Sim, mas o que é que tem de improvável? Béria era um político jovem, tinha 54 anos, mas parecia muito mais velho. Há testemunhos de que trabalhava deitado na cama. Em todo o caso foi assim que recebeu o pai de um amigo meu, e essa pessoa, um engenheiro bastante importante, ficou estupefacta com a situação. Há cerca de um mês soube que as manifestações psíquicas neurológicas da síndrome da radiação são a passagem entre estados de euforia e de depressão. Se considerarmos o temperamento de Béria, isto coincide rigorosamente com o que disseram sobre ele no plenário e sobre o seu estado de saúde na Primavera de 1953. Estava claramente muito doente, e qual é a doença mais natural, profissional, digamos assim, que o presidente do Comité Atómico pode apanhar? Aliás dois adjuntos seus, Malichev e Zaveniáguine morreram dessa doença em meados dos anos 50. Não se pode esquecer que a síndrome da radiação era praticamente desconhecida naquele tempo, de modo que dificilmente os médicos poderiam diagnosticá-la com rigor. Assim, seria simplesmente irresponsável assumir a governação do Estado quando sabia que lhe restava pouco tempo de vida. E depois... fazia-se uma nova partilha do poder?

– **Que outros factos históricos existem no seu livro?**

– Os principais acontecimentos políticos, a destituição e nomeação de personalidades políticas, os plenários e congressos, etc. A trama histórica geral está em rigorosa conformidade com datas e acontecimentos. A biografia de Béria e de outras pessoas baseiam-se apenas em factos reais, com excepção dos diálogos, é claro. Se bem que neste caso, parte deles podem ter ocorrido, e se não com aquelas palavras, pelo menos naquele sentido...

– **Continuemos: onde é que começa a invenção? O que é que não aconteceu?**

Sobre o que não aconteceu *(A invenção como prova da verdade)*

– ...Em primeiro lugar a prisão de Béria não existiu. Antes de começar a trabalhar neste livro estava convencida disso em 90 por cento, agora estou convencida a 99 por cento.

– **E porque pegou nesse assunto?**

– Porque não podia alhear-me de dez por cento de probabilidades, tanto mais que a versão da prisão tem aceitação geral e é confirmada por um certo número de testemunhos. Além disso, dar uma forma literária a uma versão e ver o que daí resulta é também um meio de investigar essa versão. Neste caso o trabalho em si foi muito interessante – a composição da intriga, a interacção das personagens...

– **E os resultados?**

– É como pode ver. Assim que as personagens históricas ganham vida, começam a mexer-se e a comportar-se não como personagens, mas como pessoas, torna-se logo claro que o mecanismo dos acontecimentos hoje comumente aceites é na realidade pesado, aberrante... e não funciona. Para ligar as pontas foi preciso fazer uns acrescentos grosseiros e suposições artificiais. Naturalmente que na vida tudo pode acontecer, mas elaborar planos tão absurdos para um golpe de Estado ao acaso... Afinal de contas, eles não eram dezembristas.⁷

– **A que «acrescentos» se refere?**

– Na crónica do golpe de Estado. Uma vez que isto não é a vida real, mas um policial, permiti-me imaginar que Béria estava ocasionalmente ausente de casa no momento em que a sua residência foi tomada de assalto, que o seu adjunto Bogdane Kobulov teve uma saída de cena aventurosa, que Mólotov e Malenkov se aliaram a Khruchov e dançaram ao som da sua música, aceitando a comunicação verbal da morte de Béria, sem exigirem ver o cadáver. Na realidade quer Kobulov, quer Malenkov e Mólotov só podiam ter aquele comportamento se Béria estivesse morto e soubessem disso com exactidão e certeza.

– **Portanto, exclui por completo a hipótese de Béria ter sido preso no Politburo?**

– Vou repetir-me: agora excluo essa possibilidade em 99 por cento. Acontece que tive há pouco a confirmação de um facto fundamental, o qual até agora conhecia apenas de uma única fonte, que infelizmente tem tendência para fantasiar. Refiro-me ao fogo feito sobre a residência de Béria por volta das 12 horas do dia 26 de Junho de 1953. Até ao momento apenas Sergo Béria tinha mencionado este facto. Agora tenho em minha posse a gravação da entrevista e as memórias de Piotr Nikolaiévitch Burgassov, antigo médico-chefe que na altura trabalhava no Ministério de Béria. No dia

⁷ Designação dos participantes na revolta de 14 de Dezembro de 1825, em S. Petersburgo, contra o tsar Nicolau I. O movimento militar, chefiado por oficiais progressistas, foi esmagado pelas forças do imperador. (N. Ed.)

26 deparou-se nas escadas com Vánnikov,⁸ que levava Sergo para qualquer lado. Depois foi a casa de Vánnikov e este disse-lhe que tinha passado pela rua Katchalov e contou-lhe o que viu lá, e que por certo Béria tinha sido morto. Penso que neste caso dois testemunhos são suficientes. E isto refuta totalmente a versão oficial difundida.

– **E se Béria não estivesse de facto em casa?**

– Se Béria não estivesse em casa, teria sido informado do assalto em cinco minutos. Será que depois disso teria seguido para o *Politburo*? Nunca na vida! Teria outros assuntos muito mais importantes para tratar.

– **E se as duas coisas aconteceram simultaneamente, a prisão e o tiroteio na rua Katchalov?**

– E que sentido faz assaltar uma casa vazia? O que procuravam lá e para quê tanta pressa? Se Béria já estava preso, porque não foi seguido o procedimento habitual? Retirar a segurança, apresentar um mandado, etc... Até podemos imaginar como tudo aconteceu. Sergo recorda-se de ter visto janelas destruídas no gabinete do pai e marcas de uma rajada de metralhadora na parede. Se tivessem entrado à força na casa isso seria demorado e ruidoso. Em primeiro lugar, Béria não era propriamente um cordeiro, por isso podiam não conseguir entrar. Em segundo lugar, nesse espaço de tempo, chegaria a rapaziada aguerrida do Ministério dos Assuntos Internos. Agora imagine o que terá acontecido: no pátio um blindado faz fogo, sai a segurança da casa para indagar o que se passa. Neste caso o que faz Béria? Muito simples: vem à janela ver o que aconteceu. E então é alvejado por tiros de metralhadora.

– **Não é demasiado simples?**

– Para a nossa época, sim. Mas todos eles tinham estado na frente de batalha, tinham experiência de combate e a esse título eram mestres em soluções simples. E para quê prender Béria? Vivo criava demasiados problemas. E o maior deles era que enquanto estivesse vivo, existiria uma real alternativa de poder, ou seja, era possível escolher entre Béria e Khruchov. Por isso, para forçar o partido e o governo a dançar ao som da sua música, os conspiradores tinham de colocar todos perante uma situação sem saída. Mostrar que Béria estava morto e que não havia escolha. A não ser assim as coisas podiam acabar mal para eles.

– **Como?**

– No mínimo Malenkov ou Mólotov podiam falar no Plenário. O seu peso e autoridade eram incomensuravelmente maiores do que Khruchov. Qualquer um deles podia fazer que Nikita Sergueiévitch saísse da sala já algemado. E só o facto de terem subido à tribuna logo no primeiro dia do Plenário é um sinal claro de que não havia

⁸ **Vánnikov**, Boris Lvóvitch (1897-1962), membro do partido desde 1919 (anteriormente pertenceu ao Partidos dos Socialistas Revolucionários), do CC (1939-1961), engenheiro, ocupou pastas ministeriais no domínio da indústria e do armamento, foi adjunto de Béria no comité especial do projecto atómico desde 1946, e chefe da Primeira Direcção Principal adstrita ao Conselho de Ministros (1945-1953), responsável pela construção de novos ramos industriais, entre muitos outros cargos. Aposentou-se em 1958. (*N. Ed.*)

alternativa, não havia razão para lutar. Béria estava morto e os membros do *Politburo* tinham-no visto morto.

– **Porquê?**

De outra forma como poderiam acreditar em Khruchov? Só nos livros é que podem ser tão crédulos...

– **E se todos estivessem juntos, como afirmou Khruchov?**

– Juntos? Por que razão e em nome de quê? Em primeiro lugar, nenhum dos que deixaram memórias sobre aquele dia conseguiu inventar a mais pequena razão para tal prisão, mesmo passados muitos anos. A «*luta pelo poder*» é um argumento mais ou menos da mesma natureza que as intrigas dos franco-mações. A luta pelo poder existe sempre, mas os golpes de Estado acontecem muito raramente. Em parte pela simples razão de que, para além de forças políticas interessadas nisso, é ainda preciso dispor de um grupo concreto de pessoas dispostas a arriscar a vida. Que motivo tinham Khruchov, Bulgánine,⁹ Moskalenko¹⁰ e Júkov¹¹ para correrem esse risco? As hipóteses de serem encostados contra um muro eram muito grandes.

– **E qual é para si esse motivo?**

– Um só – a vida! Só para salvar a própria vida se pode atentar contra um governante tão forte como Béria. Claramente houve alguns jogos secretos, por isso todas

⁹ **Bulgánine**, Nikolai Aleksándrovitch (1895-1975), membro do partido desde 1917, do CC (1937-61), candidato desde 1934, do *Politburo* (1948-58), candidato desde 1946, do *Orgburo* (1946-52). É eleito presidente do Soviete de Moscovo em 1931, torna-se presidente do governo da República da Rússia (1938-41), e a seguir vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS (1947-53). Vice-comissário da Defesa desde 1941, ministro da Defesa (1947-49) e das Forças Armadas (1953-56). A partir de 1953 exerce funções de primeiro vice-presidente e de presidente do Conselho de Ministros da URSS (1955-58). Afastado do governo da URSS em 1958, é nomeado presidente do Conselho da Economia de Stavropol. Dois anos mais tarde é aposentado. Marechal da União Soviética desde 1947 foi despromovido para coronel-general em 1958. (N. Ed.)

¹⁰ **Moskalenko**, Kirill Semiónovitch (1902-1985), membro do partido desde 1926, entrou para o Exército Vermelho em 1920. Major-general, participa nas batalhas de Stalingrado, Kursk, Khárkov, Kíev e Praga, entre outras. Nomeado marechal (1955), comandante-em-chefe do Exército de Mísseis Estratégicos (1960) e vice-ministro da Defesa da URSS (1962). Na altura dos acontecimentos aqui descritos era comandante das forças de defesa anti-aérea da região militar de Moscovo. (N. Ed.)

¹¹ **Júkov**, Gueórgui Konstantínovitch (1896-1974), membro do partido desde 1919, do CC (1953-57), candidato (1941-46), do *presidium* do CC (*Politburo*) em 1957, candidato desde 1956. Ingressou no Exército Vermelho em 1918, foi comandante da região militar da Bielorrússia (1938-39), da região especial de Kíev (1940-1941), chefe do Estado-Maior General e vice-comissário da Defesa (entre Janeiro e Julho de 1941). Durante a II Guerra integra o Quartel-General do Comandante Supremo (*Stavka*), comanda diversas frentes, torna-se primeiro vice-comissário da Defesa (1942-45) e adjunto do Comandante Supremo. Entre 1945 e 1946 é o comandante principal dos exércitos soviéticos na Alemanha. Em 1946 comanda as regiões militares de Odessa e dos Urais. Volta ao Ministério da Defesa em 1953 como ministro-adjunto e ministro (1955-57). É aposentado em 1958. (N. Ed.)

as figuras participantes ocultaram até à morte o pano de fundo dos acontecimentos. Mesmo Khruchov, nas suas memórias, não se descoseu sobre o que em concreto aconteceu. Nada de concreto foi dito no plenário. O chamado «*processo Béria*» é uma farsa tão miserável que se torna ridículo ler. Não há resposta à pergunta «*por que motivo?*». Ter-se-á simplesmente trocado Béria por Khruchov, sem uma razão? Qual foi o susto? Já sem falar da pena que foi para o país. Isto em primeiro lugar.

Em segundo lugar, a historietta policial de Khruchov de que Béria preparava um golpe de Estado, e que eles tiveram pouco mais de uma semana para se juntarem e prendê-lo, isto, desculpe, é um *serial* para donas de casa. Será que se pode acreditar que ninguém no *Politburo* teria avisado, ao saber do que se preparava contra ele? Na realidade, se Khruchov tivesse revelado o seu projecto aos seus pares, no dia 26 de Junho estaria ele a prestar declarações na Lubianka.¹² Há aqui uma pequena *nuance*: é que para os membros do então *Politburo*, Béria era uma pessoa muito mais próxima do que Khruchov.

– **Mas Khruchov estava há mais tempo no *Politburo*!**

– Sim, tornou-se membro do *Politburo* em 1940 e Béria apenas em 1946. Mas e então? O *Politburo* era apenas um dos pontos de encontro do grupo de pessoas que dirigia o Estado. Havia outros. Até o final dos anos 30 o *Politburo* dirigia tudo, durante a guerra era o Comité Estatal de Defesa que o fazia. Não devemos prender-nos aos nomes. Os órgãos podem ser diferentes, mas as pessoas são as mesmas. Julgo que foi Mikoian¹³ que disse que «*O Comité Estatal de Defesa era o gabinete de Stáline*». Tal como o *Presidium* do Conselho de Comissários do Povo e o *Politburo*. Depois o secretário elaborava cada uma das decisões sob o respectivo carimbo.

A importância de cada uma das figuras do Estado revelou-se bem na guerra, quando não havia espaço para bailados políticos e a estrutura de direcção do Estado era rigorosa e unívoca. Ora neste caso observamos que as coisas eram totalmente diferentes. Béria na guerra era membro do Comité Estatal de Defesa, enquanto Khruchov era membro do conselho militar de uma frente. Não são apenas níveis diferentes, são níveis incomensuráveis! Depois da guerra, Béria foi presidente do *Bureau* do Conselho de Ministros, na prática, a segunda figura no país, enquanto Khruchov foi primeiro secretário na Ucrânia e depois em Moscovo, ou seja, era um dirigente regional. A mais alta responsabilidade alcançou-a já perto do final da sua carreira como secretário do CC, cargo que no início dos anos 50 já não tinha quase nenhuma importância. Nunca alcançou o nível daqueles com quem se reunia no *Politburo*, já sem falar das

¹² A sede do *KGB* situava-se na Praça Lubianka, no centro de Moscovo, junto à Praça Vermelha. (N. Ed.)

¹³ **Mikoian**, Anastas Ivánovitch (1895-1978), membro do partido desde 1915, do CC entre 1923 e 1976 (candidato desde 1922) e do *Politburo* entre 1935-66, (candidato desde 1926). Teve uma longa carreira política iniciada com Lénine e terminada com Bréjnev. Em 1926 é designado Comissário do Povo do Comércio Interno e Externo. Depois ocupa as pastas do Abastecimento (1930-34), da Indústria Alimentar (1934-38), do Comércio Externo (1946-49), do Comércio (1953-55). Apoiante de Khruchov, é finalmente eleito presidente do *Presidium* do Soviete Supremo, cargo que ocupa entre 1964 e 1965, mantendo-se até 1974 como membro do órgão máximo da URSS. (N. Ed.)

qualidades e talentos pessoais. E qual foi o susto que os levou a trocar Béria por Khruchov? Tanto mais que o carácter de Nikita Serguéievitch não era melhor em nada. Se Béria injuriava por questões de serviço, Khruchov fazia-o quando perdia as rédeas.

Finalmente, um terceiro ponto. Admite porventura que os membros do *Politburo* de Stáline poderiam permitir que «*primeiro se prendesse e depois se investigasse*», como afirmou Khruchov no plenário? Tanto mais que se tratava da segunda figura do país? Não devemos tomá-los por idiotas! Recordemos pelo menos o processo de Mikhail Kaganóvitch, que era simplesmente irmão de um membro do *Politburo*. Estava-se em Agosto¹⁴ de 1941, decorria a guerra. No entanto, estas pessoas extremamente ocupadas primeiro examinam os materiais do processo, interrogam Vánnikov, que tinha apresentado provas contra Kaganóvitch, e depois realizam a acareação. Durante todo este tempo, Kaganóvitch permaneceu em liberdade. E ele era apenas um director de fábrica.

– **Portanto, as prisões eram uma decisão do *Politburo*...**

– Antes de autorizar o *NKVD* a efectuar uma prisão, o *Politburo* examinava minuciosamente todos os materiais...

– **Isso era feito por todo o *Politburo*?**

– Não, pelo que sei isso era tratado pela «*dupla*» dirigente Stáline/Mólotov e por aqueles que tinham relação directa com o assunto. Se os implicados eram militares, tratava Vorochílov,¹⁵ se eram quadros do partido, é possível que fosse Malenkov. Em geral, para obter autorização de prender um alto cargo, Éjov¹⁶ tinha de trabalhar muito.

– **Então e as resoluções com informações ao *NKVD*: «Prender aquela pessoa». Diga-me, isso não aconteceu?**

– É claro que aconteceu. A razão é que a «*dupla*» tinha muito mais informação do que os investigadores do *NKVD* [Comissariado dos Assuntos Internos] e mesmo do que o comissário do povo. Nela confluíam dados de todos os serviços de informação e de

¹⁴ É provável haver aqui um lapso de memória, pois segundo a biografia oficial, publicada na revista *Izvéstia TsK KPSS*, de 7 de Julho de 1990, Mikhail Kaganóvitch (1888-1941), suicidou-se com um tiro de pistola em 1 de Julho de 1941. A ser assim, o processo de que fala a autora teria de ser anterior àquela data. (N. Ed.)

¹⁵ **Vorochílov**, Kliment Efrémovitch (1881-1969), membro do partido desde 1908, do CC (1921-61 e a partir de 1966), do *Politburo* (1926-60), foi um dos organizadores do Exército Vermelho. Herói da guerra civil, torna-se comissário para os Assuntos militares e Marítimos (1925) e Comissário da Defesa (1934). Marechal da União Soviética (1935), é nomeado vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS (1946) e presidente do *Presidium* do Soviete Supremo da URSS (1953-60), permanecendo como deputado e membro do *Presidium* até ao final da sua vida. (N. Ed.)

¹⁶ **Ejov**, Nikolai Ivánovitch (1895-1940), membro do partido desde 1917, do CC (1934-39) candidato do *Politburo* (1937-39), dirigiu o *NKVD* (1936-1938) e o Comissariado dos Transportes Fluviais (1937-39). Em 1939 é preso e julgado pelo Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS, acusado de traição ao Estado, espionagem e de ligação a uma organização militar clandestina no interior do Exército Vermelho que se propunha derrubar o governo soviético. É executado em 4 de Fevereiro de 1940. (N. Ed.)

contra-informação existentes no país, acrescidos da informação que chegava por canais pessoais... Só Stáline e Mólotov dispunham do quadro completo. E muito do que sabiam não devia ser do conhecimento não só do comissário do povo dos Assuntos Internos, como até dos outros membros do *Politburo*. Aliás é por essa razão que alguns conspiradores detidos, que não falaram nos interrogatórios, começaram a falar depois de um encontro pessoal com Stáline: o líder sabia o que lhes devia mostrar.

– **Quer dizer que durante as repressões não houve arbitrariedade?**

– Houve e de que maneira! Mas não em relação às pessoas da nomenclatura. Hoje é até difícil de imaginar a meticulosidade do *Politburo* no acompanhamento das investigações dos processos de pessoas importantes. E não era na fase da conclusão da acusação, mas na fase dos interrogatórios! Estou convencida de que na famigerada lista de «*execuções*» de Stáline, com 129 nomes (esta é aliás a única lista publicada), ele conhecia cada um dos processos... Portanto, como vê, há demasiados argumentos a indicar que não houve detenção [de Béria] e não há nenhuma demonstração real de que Béria ficou vivo depois de 26 de Junho... De resto, escrevi pormenorizadamente sobre isso em *O Último Cavaleiro de Stáline*. Por conseguinte também não houve nenhum *bunker*, nem interrogatórios, nem um duelo entre Béria e Rudenko...¹⁷

– **Se não houve detenção então as actas dos interrogatórios que refere no livro são invenção sua?**

– Não é bem assim. As actas existem de facto. É a tal mentira de que há provas documentais. E uma vez que existem porque não utilizá-las no romance? Só que tais actas são muito estúpidas...

– **E a crónica do golpe de Estado?**

– Foi elaborada segundo as mesmas testemunhas. É verídica na medida em que os testemunhos são verídicos.

– **Béria assistiu de facto à reunião com Stáline em que foi tratada a carta de Éikhe?**¹⁸

– Esse episódio é puramente literário. Apesar de ser perfeitamente plausível que Stáline se aconselhasse com Béria sobre questões dos serviços de segurança; mas é óbvio que não o faria da maneira narrada [no romance Béria assiste furtivamente à reunião a partir de um quarto contíguo à sala]. No entanto, podia simplesmente convidá-lo

¹⁷ **Rudenko**, Románe Adréievitch, (1907-1981), procurador-geral da URSS entre 1953 e 1981, foi responsável pelo processo de Béria. Segundo a versão oficial teria presenciado a execução do condenado, em 13 de Dezembro de 1953, no *bunker* do estado-maior do *Okrug* Militar de Moscovo. (N. Ed.)

¹⁸ **Éikhe**, Robert Índrikovitch (Roberts Eihe) (1890-1940), letão, membro do partido desde 1905, do CC desde 1930 (candidato desde 1925), candidato do *Politburo* desde 1935. Foi comissário dos Bens Alimentares (1919) e, entre 1929 e 1937, primeiro-secretário dos comités de Krai da Sibéria e da Sibéria Ocidental e do comité da cidade de Novossibirsk. Em 1937 é nomeado comissário da Agricultura da URSS, sendo preso em Abril do ano seguinte, julgado e condenado a fuzilamento em Fevereiro de 1940 por actividades anti-soviéticas. (N. Ed.)

para a reunião. De resto, quando Éjov soube, em Agosto de 1938, quem tinha sido nomeado para seu adjunto [trata-se de Béria] ficou muito assustado. Passou uma semana a beber e outra a destruir documentos.

– **E a rede secreta? O general Kudriavtsev e os outros? São reais?**

– Sabe, preferia não responder, pois de qualquer maneira não acreditarão no que digo. Mas em resumo é o seguinte: qualquer chefe de Estado tem agentes secretos e Stáline teve-os de certeza. Que missões lhes foram dadas não sabemos, mas o líder era uma pessoa muito precavida. Quem é que criou esse serviço? Antes da guerra, eventualmente foi o próprio Stáline, depois da guerra é provável que tenha sido mantido por Béria. A quem mais confiar um tal assunto? Mas conhecemos a capacidade de realização de Béria. A Geórgia permaneceu como a república mais rica até aos anos 90, o complexo de Defesa ainda existe, e o KGB é como sabe...

– **Seja qual for a versão, para mim e para muitas pessoas, penso eu, a questão principal continua sem resposta: como é que Lavrénti Pávlovitch Béria, com a sua experiência e indubitável inteligência, pôde deixar-se apanhar? Será que não previu que se preparavam para o massacrar?**

– Não tenho uma resposta clara para essa questão. Mas mesmo que tivesse previsto, dificilmente poderia antecipar acções de uma violência tão brutal e sobretudo que o golpe de Estado fosse feito por militares, com tanques, transportes blindados e metralhadoras. Em segundo lugar, parece que apesar de tudo confiava em Khrushchov. E em terceiro, tudo indica que considerava que Stáline teve uma morte absolutamente natural. As declarações incongruentes da segurança, indicando que a morte do líder não é um assunto simples, só foram prestadas muitos anos depois. Na altura, a versão que constava era simples e clara: a segurança encontrou Stáline em agonia na madrugada de 2 de Março e comunicou de imediato às devidas instâncias. Se Béria soubesse que Ignátiev¹⁹ estava envolvido na morte do líder, possivelmente ter-se-ia precavido e ordenado a sua detenção. Mas... mesmo o soldado mais experiente pode pisar uma mina. Béria não foi excepção.

¹⁹ **Ignátiev**, Semióne Deníssovitch (1904-1983), membro do partido desde 1926, do CC (1952-61). Ingressa nos órgãos de segurança em 1920. A partir de 1935 exerce funções de secretário do partido em várias regiões e repúblicas integrando os respectivos CC. Torna-se ministro da Segurança do Estado da URSS (1951-53) e secretário do CC durante alguns meses. Em 1953, é designado primeiro secretário do Partido na região da Baschquéria e mais tarde, em 1957, na região da Tartária. Deputado do Soviete Supremo, é aposentado em 1960. (N. Ed.)